

A produtividade do conceito de discurso bivocal no contexto do culto televisivo *Show da Fé*

The profusion of the concept of bivocal discourse in the context of the televised religious program Show da Fé (Show of Faith)

Kelli da Rosa Ribeiro¹

Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Letras e Artes – ILA, Rio Grande, RS, Brasil.

¹ Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Adjunta no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (ILA – FURG). Coordenadora do projeto de pesquisa “Discurso das mídias (e) m análise dialógica: caminhos teóricos e metodológicos” (FURG – CNPq).  <https://orcid.org/0000-0002-6664-4912>
E-mail: klo.rib@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, buscamos, no conjunto das obras do Círculo de Bakhtin, o aprofundamento das questões que envolvem a transmissão da palavra do outro e os aspectos valorativos que são intrínsecos ao processo. Nesse sentido, analisamos como se constitui o conceito de Bivocalidade nas obras do Círculo de Bakhtin, observando os principais conceitos envolvidos. A fim de mostrar a produtividade do conceito, examinamos como aparece discursivamente o processo de transmissão do discurso bíblico no pedido de patrocínio do culto televisivo *Show da fé*, atentando-se para diferentes vozes sociais que emergem no processo de bivocalização do discurso bíblico no culto. As reflexões em torno dos processos bivocais de apreensão, transmissão e orientação (semântica-axiológica) em relação ao discurso alheio nos permitem um olhar dialógico acerca das tensas relações entre fé, Mercado, publicidade e consumo no culto televisivo *Show da fé*, mostrando-nos a imbricação desses aspectos nos discursos e nos sujeitos imersos nessas interações.

Palavras-chave: Bivocalidade; Discurso bíblico; Tensão.

ABSTRACT: In this article, assuming the body of work by the Bakhtin Circle, we aim to investigate the issues involving the transmission of the word of the other and the evaluative aspects that are intrinsic in this process. In this sense, we analyze how the concept of Bivocality is established in the works of the Bakhtin Circle, observing the main concepts involved. In order to illustrate the profusion of the concept, we examine how the transmission process of biblical discourse appears discursively in the request for sponsorship in the televised religious program *Show da fé* (“Show of faith”), focusing on different social voices that emerge in the bivocalization process of the biblical discourse in this religious program. Reflections on the bivocal processes of (semantic-axiological) attainment, transmission and orientation in relation to the discourse of the other gives us a dialogic view regarding the tense relations between faith, the market, publicity and consumption in the televised religious program *Show da fé*. This in turn reveals how the aspects mentioned overlap in the discourses and in the subjects immersed in these interactions.

Keywords: Bivocality; Biblical discourse; Tension.

Introdução

O tema do encontro de vozes é central para o Círculo de Bakhtin. Nas reflexões, ao longo das obras, Bakhtin e seu Círculo tentam levantar esse tema em diversos conceitos, desde o princípio dialógico da linguagem até a teoria do romance plurilíngue. Nesse sentido, o conceito de Bivocalidade, desenvolvido em alguns trabalhos do Círculo torna-se importante para a compreensão do processo de apreensão e transmissão do discurso do outro. Por isso, buscamos na obra bakhtiniana subsídios para pensarmos esse conceito que aparece, sobretudo, em *Problemas da poética de Dostoiévski* e em *Questões de literatura e de estética* e discutimos sua produtividade na análise dos processos de transmissão do discurso alheio na esfera religiosa midiática.

Pretendemos, assim, mostrar como aparece, no conjunto das obras do Círculo, o tema do encontro de vozes e da transmissão da palavra do outro, partindo-se do pressuposto de que o processo bivocal é, por natureza, engendrado a um processodialógico. Ao apropriar-se do discurso alheio, o sujeito discursivo orienta-se axiologicamente no espectro de diferentes valores sociais. Desse processo de tensão, emergem posições avaliativas sobre o outro e sobre o discurso do outro. Para tanto, colocamos as obras em diálogo, a fim de cotejar os principais aspectos que definem um discurso bivocal.

Ribeiro (2015) discute, em sua pesquisa de doutoramento, acerca da tensão de vozes no discurso do culto televisivo *Show da fé*, observando aspectos que envolvem o encontro de vozes sociais nos processos de apreensão e transmissão do discurso bíblico no contexto do culto. A autora destaca que

os discursos dos cultos televisivos neopentecostais apoiam-se, sobretudo, na promoção da fé, entendida como ação efetiva de adesão e confiança na doutrina, como o principal meio de se alcançar qualquer bem-estar divina”. Segundo o discurso neopentecostal, o fiel encontra e adquire a fé somente

frequentando a “casa de Deus”, ou seja, frequentando a igreja e ofertando para que essa casa se mantenha. Com efeito, não é difícil notar o constante pedido de dinheiro em plena rede nacional e em horário nobre sob as promessas de uma vida financeira abençoada, uma saúde perfeita, um lar feliz etc. (RIBEIRO, 2015, p. 9).

Nesse contexto da contemporaneidade, dito “pós-moderno”, o discurso bíblico transmitido em culto das igrejas em geral, que usam como principal suporte a bíblia, pode ser considerado como constituído basicamente de um processo de bivocalização, por tratar-se de um discurso que possui pelo menos duas vozes que estão “dialogicamente relacionadas, como se conhecem uma à outra” e se fundem num só discurso, tendo-se não só duas vozes, mas também “dois sentidos, duas expressões” (BAKHTIN, [1975] 2010a, p. 127).

No processo de bivocalização, nessa perspectiva, é possível perceber que diversas questões sócio-históricas, como vozes de consumo e de ideais de felicidade e instantaneidade, por exemplo, entram em jogo e as refrações dessa palavra transmitida são apreendidas de inúmeras formas pelo outro. Isso acontece porque a palavra, na visão bakhtiniana, é enunciada por um sujeito sempre situado no tempo e no espaço, envolto numa situação contextual e esse sujeito mobiliza a palavra sempre projetando outrem, de quem espera uma resposta ativa e responsiva. Nesse sentido, a palavra é tomada pelo Círculo de Bakhtin como um signo ideológico, o qual é enunciado num contexto dialógico, permeado de valorações, trazendo consigo inevitavelmente aspectos não verbais dessa interação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 36).

Diante dessas questões, este artigo parte de três questões norteadoras: a) Como se constitui o conceito de Bivocalidade nas obras do Círculo de Bakhtin? b) Como aparece discursivamente a transmissão do discurso bíblico no pedido de patrocínio culto televisivo *Show da fé*? c) De que forma

vozes sociais emergem no processo de bivocalização do discurso bíblico no culto? A partir dessas perguntas, organizamos o artigo em duas seções seguidas das considerações finais. Na primeira, realizamos a discussão no âmbito teórico acerca do conceito em foco e na segunda, realizamos a discussão no âmbito analítico aprofundando o conceito, por meio da análise do pedido de patrocínio no culto *Show da fé*.

1 O tratamento do discurso alheio na obra bakhtiniana: bivocalidade em foco

Em *Questões de literatura e de estética*, mais especificamente no capítulo intitulado como *O discurso no romance*, Bakhtin ([1975] 2010a) elabora uma discussão importante sobre a bivocalidade, visto que desenvolve reflexões de forma dinâmica acerca do conceito, ampliando a noção de atravessamento da palavra do outro no discurso, para além da dimensão literária, romanesca, mostrando que na linguagem, em diferentes interações verbais, há esse atravessamento, essa diversidade de vozes em constante tensionamento. Destacamos que as concepções teóricas do Círculo tinham não só o objetivo de elaborar discussões literárias, como neste texto que Bakhtin traz o gênero romanesco para ilustrar as relações constantemente dialógicas na construção dos personagens, do narrador, do espaço, mas também é preocupação do autor mostrar que, no interior da vida da língua, tais relações estão presentes mais ou menos aparentes, dependendo do gênero discursivo e do estilo e do tema semântico-axiológico do enunciado.

Desse modo, uma palavra ou um discurso bivocal é uma palavra que se introduz no romance, refratando as diversas intenções e posições do autor frente à realidade. Bakhtin ([1975] 2010a, p. 127) explica que a palavra bivocal “serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao

mesmo tempo duas intenções diferentes”, ou seja, no caso do romance, por exemplo, é a intenção do autor refrangida na intenção da personagem. A palavra, nesse contexto, é retirada ainda “quente” da participação sócio-histórica, atravessada por inúmeras entonações, avaliações e se submete ao estilo e a uma “unidade dinâmica” da obra. No entanto, tal processo não é privilégio apenas do gênero romanesco (BAKHTIN, [1975] 2010a, p. 133). Todo o discurso, em nossas práticas cotidianas, nasce da palavra retirada dos já ditos, ou seja, palavras entrecruzadas de valores ideológicos, acentos alheios, avaliações sociais das esferas discursivas da comunicação.

Entendemos que o gérmen dessas reflexões encontra-se já em *Marxismo e filosofia da linguagem*, mais precisamente nos quatro últimos capítulos. Nessa parte do livro, Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010) discutem a respeito de três modalidades de apreensão e transmissão do discurso do outro: discurso direto, indireto e indireto livre. Os autores sugerem, nessa obra, que a sintaxe precisa ser observada do ponto de vista da enunciação, pois segundo eles “as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos atos de fala”, ou seja, a sintaxe seria a materialidade e a concretude linguístico-discursiva do encontro de vozes (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 146).

Tomando a linguagem como essencialmente dialógica e social, Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010) refletem sobre o discurso citado no âmago das relações dialógicas. Segundo os autores, o discurso citado é o “discurso no discurso, a enunciação na enunciação”. Além disso, o discurso citado é visto como o discurso sobre o discurso do outro, a enunciação sobre as enunciações alheias (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 150). Do ponto de vista enunciativo, frente à palavra do outro, o discurso citante¹

¹ Entendemos como discurso citante o discurso que cita outro discurso.

elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la a sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 151).

É perceptível a complexidade da apreensão do discurso alheio. O discurso citante assimila o discurso alheio de forma parcial, visto que a apreensão total dos sentidos do discurso do outro não é possível. Essa impossibilidade deve-se tanto ao fato de que cada discurso é único e cada qual traz em si os aspectos não verbais do contexto de origem, quanto ao fato de que o processo de transmitir o discurso de outro é envolvido pelo olhar avaliativo de quem transmite.

Nesse processo de apreensão da palavra do outro, também é importante a presença do interlocutor e da finalidade social da transmissão. Conforme Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010, p. 152), “a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas”. Tal orientação “reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso”. Isto significa dizer que os modos de transmitir um discurso podem variar conforme a nossa relação com o interlocutor, como, por exemplo, grau de proximidade, grau de formalidade etc. A enunciação citada também pode variar dependendo do gênero discursivo mobilizado (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 152).

Com efeito, as fronteiras entre a palavra do eu e a palavra do outro podem ser mais ou menos perceptíveis, sendo materializadas não só pelo uso das aspas e travessões, mas também ficam marcadas nos verbos do dizer que, de alguma maneira, deixam reverberar a posição avaliativa em relação ao discurso citado. Para Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010), há

duas possibilidades de delimitação de fronteiras entre o discurso citante e citado. A primeira possibilidade é o estilo linear e a segunda é o estilo pictórico. Ressaltamos, no entanto, que o autor não tem a pretensão de estabelecer esses conceitos de forma estanque, pelo contrário, suas reflexões permanecem no terreno da dialogia e sempre levando em conta o aspecto vivo, dinâmico e social da linguagem.

De acordo com Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010), no estilo linear, as fronteiras, na dimensão textual, entre o discurso citado e o discurso citante são mais claras e nítidas. Nesse estilo “os esquemas linguísticos e suas variantes têm a função de isolar mais clara e estritamente o discurso citado”, protegendo o discurso alheio das “entoações próprias ao autor” e conservando suas “características linguísticas individuais” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 155). No contexto de transmissão do estilo linear, tanto podem ser discursos que transmitem palavras de autoridade social e ideológica, palavras dogmáticas, quanto podem ser discursos mais dinâmicos como entrevista em notícia, por exemplo. É importante frisar que, no estilo linear, as fronteiras entre o discurso que cita e o que é citado são mais claras, em variados graus de nitidez. Por isso, não se pode perder de vista o contexto social que engendra a transmissão, esse contexto se reflete nos modos de seleção lexical, sintática e semântica do discurso.

Já no estilo pictórico, segundo Bakhtin/Volochinov ([1929] 2010, p. 156), “a língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem”. Nesse caso, o contexto do discurso que transmite “esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar suas fronteiras”. O discurso do outro, no estilo pictórico, ecoa de forma dilacerada na superfície do discurso que o transmite. Os ecos traduzem as avaliações sociais que se entrecruzam e se reconfiguram no novo contexto de transmissão.

Por ser um estilo que atenua os contornos da palavra alheia, o estilo pictórico apresenta uma variedade de tipos de apreensão e transmissão do discurso do outro, entre eles, podemos destacar o discurso indireto e o discurso indireto livre. Além disso, tanto discurso indireto, quanto o indireto livre possuem ramificações, as quais dependem do contexto narrativo, do tema da enunciação, da finalidade e dos graus de proximidade entre locutor e interlocutor. Contudo, não entraremos em detalhes sobre cada variedade, de modo que o nosso foco é a transmissão no âmbito das relações sociais, ideológicas e culturais. Assim, frisamos que o cerne das discussões dos últimos capítulos de *Marxismo e filosofia da linguagem* é mostrar que, mais do que um problema linguístico, o processo de transmissão instaura um problema sociológico, um problema que envolve as diferentes esferas da comunicação humana.

Segundo Morson e Emerson (2008), na terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, os pensadores russos evitam começar a discussão dos modos de apreensão e transmissão do discurso alheio com uma classificação de formas sintáticas, preferindo “discutir as atitudes e os valores sociais que moldaram essas formas e que podem permeá-las”. Desse modo, “diferentes tipos de discurso indireto se cristalizam em diferentes conjuntos de valores e propósitos com relação ao discurso dos outros”. Como exemplo dessa orientação da palavra alheia, num conjunto de valores sociais, os autores citam como exemplo o enunciado autoritário. Tal enunciado, estilizado de modo linear, oferecerá pouca oportunidade em sua construção para expressar opiniões, concordâncias ou discordâncias de opiniões dos interlocutores (MORSON; EMERSON, 2008, p. 179).

Frisamos, nesse sentido, que os discursos no cotidiano são constituídos pelo estilo linear e pelo pictórico ao mesmo tempo, demonstrando a complexidade que há na relação entre a diversidade de discursos que circula na cadeia da comunicação discursiva e nos modos de

apreender e transmitir esses já-ditos. Bakhtin/Volochinov ([1929]2010, p. 156) chamam os dois estilos de “dinâmicas de inter-relação da enunciação e do discurso citado”. E, tendo em vista essa complexidade, podemos entender que a palavra bivocal discutida em *Questões de literatura e de estética* e em *Problemas da poética de Dostoiévski* pode ser engendrada, no plano linguístico-discursivo, pelos estilos linear e pictórico. A discussão que recobre tanto a palavra bivocal quanto esses estilos envolve a dinâmica dos graus de diluição das fronteiras entre o discurso que cita e o discurso citado, por isso, empregaremos esses conceitos em relação, a fim de compreender de maneira aprofundada os modos de apreensão, transmissão e orientação semântica e axiológica em relação à palavra do outro.

Embora as obras do Círculo tragam a discussão para o âmbito da literatura, recorrendo, muitas vezes, ao gênero romanesco para ilustrar suas elaborações, percebemos que tais reflexões se estendem para qualquer discurso, considerando que em diversos momentos os estudiosos deixam claro em seus escritos que a linguagem comum, do dia-a-dia, está repleta de vozes, já-ditos, enunciados alheios. Assim, Bakhtin ([1975]2010a) aborda os modos de transmissão da palavra do outro no romance, tratando desses sujeitos como autor, narrador, personagens, pois eles são os sujeitos que criam, enunciam, “falam” no contexto narrativo.

Considerando sempre todo ato estético verbal como conjunto de valores em tensão, Bakhtin (2003, p. 10) primeiramente define autor como “o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta”. Ao colocar essa autoria numa dimensão de transposição de valores, o pensador russo faz ainda a distinção entre autor-pessoa e autor-criador, elementos intrínsecos no todo orgânico da obra (discurso). O autor-pessoa, conforme Bakhtin (2003, p. 9), é o “elemento do acontecimento ético e social da vida”, é o sujeito físico, que vive socialmente. Já o autor-criador é “o elemento da

obra”, que emerge como refração de uma imagem discursiva, a partir do conjunto das escolhas e do arranjo do discurso. Podemos compreender que autor-criador participa do espectro de refrações do autor-pessoa e que ambos, em planos distintos, engendram tom axiológico sobre o discurso e os sentidos produzidos.

Nós entendemos, a partir dessas reflexões, que é autor, nas duas dimensões apontadas, o sujeito que produz discurso, que enuncia num determinado contexto, que mobiliza diferentes gêneros em diversas esferas, seja na esfera literária, seja nas outras esferas da atividade humana. O autor, tanto do romance, quanto o sujeito comum e o ordinário são, em essência, sujeitos dialógicos, de modo que vivem envoltos de diversas vozes sociais com as quais conversam, divergem e, sobretudo, valoram.

Desse modo, Bakhtin ([1975] 2010a, p. 105) comenta que “o prosador – romancista não elimina as intenções alheias da língua feita de diferentes linguagens de suas obras”, isto é, ele “não destrói as perspectivas sócio-ideológicas que se desenvolve além das linguagens do plurilinguismo”, pelo contrário, o autor inclui todas essas intenções alheias na sua obra. Isso acontece porque o autor encontra o discurso do outro já mergulhado em valorações sociais e ele deve reelaborar as intenções e as valorações alheias em seu contexto enunciativo. A reelaboração do discurso do outro no discurso do eu instaura uma dialogicidade interna no enunciado na qual, conforme explica Bakhtin ([1975] 2010a, p. 128), se desenvolve um “diálogo concentrado de duas vozes, duas visões de mundo, duas linguagens”.

Bakhtin ([1975] 2010a) dá um exemplo desse diálogo, colocando a palavra bivocal na esteira do encontro com diferentes vozes sociais. Segundo o autor, relatar um texto com as nossas palavras é fazer um “relato bivocal das palavras de outrem”. No entanto, o pensador russo adverte o leitor dizendo que as nossas palavras não “devem dissolver completamente

a originalidade das palavras alheias”, uma vez que o relato das palavras de outrem precisa ter um “caráter misto”, conservando alguns traços da expressividade do discurso transmitido e abrindo espaço para uma nova expressão (BAKHTIN, [1975] 2010a, p. 142).

Pelo que entendemos dos postulados bakhtinianos, a palavra bivocal é, em essência, uma das formas de materializar o diálogo entre discursos e entre pontos de vista sociais. No ensaio *Os gêneros do discurso*, presente em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin discute a respeito desse encontro com diferentes vozes e como acontece a apreensão dos três aspectos da palavra pelo locutor, quais sejam a palavra da língua, a palavra alheia e a palavra minha. Conforme Bakhtin (2003, p. 294), a palavra da “língua” não pertence a ninguém, ou seja, é uma palavra em potencial, que ainda não foi apreendida e entoada por um locutor. A palavra “alheia” pertence aos outros, isto é, vozes de outros, enunciações já proferidas na sociedade em diferentes gêneros e esferas. Por fim, a palavra é considerada “minha” no momento em que o locutor opera com essa palavra e nela insere seu ponto de vista sobre o mundo.

Além disso, ainda destaca Bakhtin (2003, p. 294) que “a experiência individual discursiva de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. Esse processo pode ser caracterizado como uma assimilação das palavras do outro e não das palavras da língua que ainda estão em potencial de uso. O autor sublinha que isso acontece porque o

nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras de outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 294-295).

Podemos compreender que, no processo de acabamento do discurso bivocal, acontece basicamente três movimentos dinâmicos que se interseccionam: o movimento de assimilar as palavras alheias, momento no qual se entra em contato com as vozes alheias; o movimento de reelaborar, momento no qual os dois discursos entram em relação dialógica num mesmo discurso, sofrendo os contornos discursivos da voz que assimila; e por fim, o movimento de (re)acentuar, momento no qual os valores da palavra que assimila entram em contato com os valores, as entonações alheias.

Os graus de intensidade de cada movimento dependem fundamentalmente do contexto no qual se engendra o discurso bivocal. Além disso, são fundamentais no processo bivocal a posição valorativa do locutor, o estilo individual, pois no interior de gênero, de cada situação socialmente recorrente, cada sujeito elabora de forma diferente a palavra do outro. Além disso, a relação entre o discurso que transmite e o discurso transmitido com o interlocutor do discurso bivocal influenciam cada um dos movimentos de acabamento desse discurso.

Tais variações influenciam também o quanto a palavra alheia aparece no discurso que transmite, ou seja, dependendo do gênero discursivo, do interlocutor e do contexto enunciativo, os contornos avaliativos do locutor aparecem mais ou menos ou as vozes se fundem. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin distingue tipos diferentes de orientações em relação ao discurso do outro e em relação ao contexto social envolvido. Segundo o pensador russo ([1963] 2010b, p. 228), “as relações de reciprocidade com a palavra do outro no contexto vivo e concreto não têm caráter estático, mas dinâmico”, de modo que a “inter-relação das vozes no discurso pode variar acentuadamente, o discurso orientado para um único fim pode converter-se num discurso orientado para diversos fins” e vice-versa (BAKHTIN, [1963] 2010b, p. 228).

Bakhtin ([1963] 2010b) ainda discute a respeito de diversos gêneros discursivos que apresentam esse grau variado de orientação em relação à voz do outro e em relação ao contexto. De acordo com o autor, o discurso bivocal é essencialmente um discurso voltado para o discurso do outro e pode ter três tipos ou tendências de orientações. A primeira orientação apontada por Bakhtin ([1963] 2010b, p. 228) é o “discurso bivocal de orientação única”, em que há um efeito de fusão de vozes, pois o discurso que se apropria da voz alheia tem a mesma orientação semântica (valorativa) da voz transmitida. O diálogo e as fronteiras com o discurso alheio tendem a ficar mais diluídas, criando o efeito de uma só voz, de uma só orientação axiológica.

O autor cita como exemplo da primeira orientação do discurso bivocal a estilização, a narração do narrador, o discurso não objetificado do herói-agente, entre outros. Os diversos níveis de paráfrases são também exemplos de bivocalidade de orientação única (BAKHTIN, [1963] 2010b, p. 228). Entendemos, assim, a partir das conjecturas feitas em *Marxismo e filosofia da linguagem*, nos três últimos capítulos, que um discurso que se direciona na mesma acentuação valorativa pode se apresentar, sintaticamente, nos estilos linear e pictórico, dependendo dos efeitos pretendidos no discurso. Assim, as fronteiras podem ser mais ou menos perceptíveis entre as vozes, deixando muitas vezes marcado o grau de engajamento, de apropriação, de atribuição de poder à palavra alheia etc.

A segunda orientação Bakhtin ([1963] 2010b, p. 228) chama de “discurso bivocal de orientação variável”, em que o diálogo entre as vozes pode aparecer mais perceptível no discurso. No caso da segunda orientação, compreendemos que é “variável”, pois a orientação do discurso que transmite está em direção oposta semanticamente ao discurso alheio, como é na paródia, por exemplo. É preciso ressaltar que, na segunda orientação, a dialogicidade interna aparece reverberada no discurso, permitindo que se estabeleça ainda o diálogo com outras vozes sociais sobre o mesmo objeto

do dizer. O pensador russo arrola como exemplo dessa orientação a paródia em todas as suas gradações e qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento. (BAKHTIN, [1963] 2010b, p. 228).

As transmissões de orientação vária podem ser caracterizadas também como variações da polêmica aberta no discurso. Conforme Bakhtin ([1963] 2010b, p. 224), “a polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro”. Em muitos casos, a voz alheia refutada é posta em polêmica e se transforma no próprio objeto do discurso. Diferentes tons podem marcar a oposição das vozes no discurso, ou seja, a palavra alheia pode ser introduzida com acentos e expressões de indignação, zombaria, ironia, dúvida e os modos de transmissão dessa polêmica podem variar em estilo.

Por fim, a terceira orientação Bakhtin ([1963] 2010b, p. 229) denomina de “tipo ativo (discurso refletido do outro)”. Essa orientação é bastante complexa, pois no discurso bivocal do tipo ativo, o que aparece não é o outro e nem a sua voz, mas apenas o diálogo velado com a voz do outro. A orientação é em direção ao diálogo tenso com o outro que aparentemente não está presente no discurso, ou seja, é como se a voz do outro estivesse ali, mas ela aparece refrangida na polêmica instaurada, podendo aparecer ou não as fronteiras. A voz alheia aparece escamoteada, velada, refletida no discurso que transmite. O autor cita, como exemplo dessa orientação, a polêmica interna velada, a autobiografia, confissão, diálogo velado, réplica de diálogo etc. (BAKHTIN, [1963] 2010b, p. 229).

Normalmente, a bivocalidade de tipo ativo aparece em diferentes tons de uma polêmica mais velada no discurso. Segundo Bakhtin ([1963] 2010b), na polêmica velada as vozes se chocam de maneira conflituosa, mas diferentemente da polêmica aberta, o choque entre as vozes acontece de forma indireta, escamoteada no próprio discurso objeto do autor. A polêmica velada fica impressa no discurso bivocal também por meio dos elementos

não verbais que compõem o contexto da interação, tais como imagens, gestos corporais, expressões faciais, entonação da voz etc. As polêmicas, em síntese, estão no plano axiológico do conhecimento compartilhado entre os sujeitos do discurso e só são perceptíveis na dimensão dialógica da interação.

Ressaltamos, como já foi referido anteriormente, que os três tipos de orientação do discurso bivocal podem aparecer de forma dinâmica em uma transmissão, isto é, os três tipos não se excluem e não ocorrem de forma estanque. Essa relação dinâmica é possível, porque, em todos os três tipos, percebemos que há um encontro dessas vozes, um choque, uma empatia, e isso ocorre de maneira bastante complexa na linguagem. Em cada modo de orientar-se em relação à palavra alheia e reelaborá-la em seu discurso, o locutor entra em empatia com essa palavra e encontra nela a diversidade de vozes e já ditos sociais.

Além disso, o locutor, ao reelaborar as palavras do outro em seu discurso, vivencia essa palavra de modo que o outro não vivencia, entoa de modo singular, diferente da entonação atribuída pelo outro. Isso acontece porque a nossa relação com o outro e com as suas palavras é perpassada pelo movimento dialógico da alteridade. Bakhtin (2003, p. 21) explica como acontece esse encontro com o outro, observando que

quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver (...). Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos (BAKHTIN, 2003, p. 21).

Essa não coincidência de visões de mundo e a insubstituíbilidade permitem as relações intersubjetivas. Cada qual, situado em si mesmo,

possui horizontes de valor diferentes. O locutor, quando apreende a palavra alheia, excede o seu próprio horizonte de valor e entra em contato com o horizonte alheio. Bakhtin chama esse movimento de “excedente de visão estética”, salientando que é preciso “entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele (...)” (BAKHTIN, 2003, p. 23).

Assim, simultaneamente há a empatia, isto é, a aproximação ao outro, e a exotopia, o distanciamento do outro e o retorno a si mesmo, para que aconteça o acabamento do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 25). Entendemos que a palavra bivocal, em seus diferentes tipos, surge a partir desse movimento exotópico, que se configura no movimento de tensão, de contato, de encontro. As palavras alheias são assimiladas, isto é, “encontradas” pelo locutor a partir da sua visão valorativa, axiológica sobre o mundo. É importante destacar que essa visão valorativa em relação ao dizer alheio também pode permanecer só no nível da empatia e não haver o afastamento necessário para a produção dos sentidos pretendidos. Em todos os casos, as palavras por sua vez já se encontram avaliadas, acentuadas, contornadas por um sujeito que as enunciou. O locutor, então, retorna a seu discurso e reelabora o seu dizer, contornando e refrangindo as palavras alheias em suas palavras, em sua subjetividade.

Bakhtin ([1975] 2010a, p. 156) explica esse movimento, afirmando que o discurso do autor “representa e enquadra o discurso do outrem, cria uma perspectiva para ele, distribui suas sombras e luzes, cria uma situação e todas as condições para sua ressonância”. Com efeito, o discurso do autor entra em contato com o discurso alheio e “introduz nele seus acentos e suas expressões, cria para ele um fundo dialógico”, no qual diversos sentidos emergem para o interlocutor. Evidentemente, é um processo dinâmico, vivo e que leva sempre em consideração o outro a quem se dirige o discurso e o contexto no qual se engendra a comunicação.

Além disso, esse processo e o contexto da interação são atravessados por inúmeras vozes sociais. Nessa perspectiva, o enunciado se encontra no emaranhado de diversas vozes sociais, ou seja, o enunciado nasce e circula num meio plurilíngue, plurivocal (BAKHTIN, [1975] 2010a, p. 86). Tais vozes são essencialmente sociais e históricas e se engendram nos discursos, “expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos de sua época”. Duas forças atuam nesse meio plurilíngue e articulam o encontro dessas vozes: as forças centrípetas e as forças centrífugas. Para Bakhtin ([1975] 2010a, p. 81), as primeiras constituem as forças da unificação e da centralização das ideologias verbais. Ao colocar ao plurilinguismo certas barreiras, as forças centrípetas garantem a compreensão dos sentidos coletivizados, centralizando-os na unidade da enunciação.

Ao lado da centralização das ideologias verbais, concorrem as forças de descentralização e desunificação, as forças centrífugas. Estas são responsáveis pela diversidade, pela heterogeneidade inerente à linguagem viva em uso. Cada enunciado, de acordo com Bakhtin ([1975] 2010a, p. 82), “constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas”, elas se cruzam nesta enunciação e criam a estabilidade, a repetibilidade (força centrípeta) e a mudança, a atualização (forças centrífugas). É nesse sentido que “o verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismodialogizado”, anônimo e social, no plano da linguagem e concreto, saturado de valoração no plano da enunciação individual. A partir disso, é possível compreender a orientação dialógica do encontro das diferentes vozes e da confluência do plurilinguismo nas diferentes ações verbais, em variadas esferas da atividade.

Segundo Bakhtin (2003, p. 23), essas ações “podem ser infinitamente variadas em função da infinita diversidade de situações da vida em que eu e o outro nos encontramos em um dado momento”, isto é, as variadas

situações cotidianas balizam esse encontro com o discurso alheio e os gêneros do discurso aparecem como o cenário desse encontro. Aliás, esse encontro com as diferentes vozes alheias e o discurso bivocal só ocorrem por meio de gêneros nas diversas esferas da comunicação humana.

2 O pedido de patrocínio no culto: tensões nos discursos bivocais

A constituição do culto televisivo *Show da fé* apresenta articulações composicionais em sua estrutura que o tornam um todo de sentidos. As articulações composicionais analisadas por Ribeiro (2015) são: Pregação da palavra bíblica, Testemunho do fiel e Anúncio de produtos evangélicos. Embora cada uma das três partes articuladas apresente momentos recorrentes em seu interior, tendo locutores e estilos diferentes e finalidades distintas, todas essas partes se articulam e concorrem para o projeto discursivo do gênero culto, qual seja, a adesão do público à doutrina da igreja e ao consumo de seus ideais e produtos.

O pedido de patrocínio é um momento bastante tenso e complexo no *Show da fé*. Nele, o locutor mobiliza vozes de poder e autoridade, fazendo criar uma atmosfera divina num elemento tão mercadológico que é um carnê de associados. O carnê de associados convoca o público a firmar um compromisso com a instituição religiosa em contribuir mensalmente com determinado valor em dinheiro, a fim de manter as despesas da igreja. A finalidade da contribuição ainda se desdobra em outro aspecto: a promessa da benesse. No trecho abaixo, retirado do momento de Anúncio de produtos evangélicos, podemos observar duas questões: a transmissão tensa do discurso bíblico no pedido de patrocínio culto televisivo *Show da fé* e as vozes sociais que emergem no processo de bivocalização do discurso bíblico nesse pedido.

TRECHO DO CULTO TELEVISIVO *SHOW DA FÉ* DO DIA 06 DE SETEMBRO DE 2013

(...) “O SENHOR te porá por cabeça e não por cauda... e só estarás em cima e não debaixo...quando obedeceres aos mandamentos do SENHOR teu Deus que hoje te ordeno para os guardar e fazer”... se Deus não chama você para ser patrocinador eu peço não se inscreva... nós não precisamos de um centavo que Deus não esteja nos dando... eu agradeço... “mas eu quero dar porque eu sou caridoso”... procure uma instituição de caridade... e dê lá... pode ser um centavo pode ser um milhão...você não foi chamado... mas se Deus fala a seu coração “ajude esse ministério... estamos alcançando milhões de pessoas no mundo” não FECHÉ os ouvidos... sempre falo inscreva o marido inscreva a mulher inscreva o filho a filha sua empresa sei lá... Deus sabe o porquê... e como é que ele fala? você sente no coração aquele desejo aquela vontade e sabe até a quantia... os irmãos vão passar aí agora e você pega a inscrição preencha... destaque e devolva... esse papel eu preciso pra poder no último dia do mês orar por você então vamos guardar... para o último dia do mês... e o que ficar na sua mão é pra você passar no Bradesco e depositar... inclusive neste mês agora nós precisamos... é aperto geral pessoal nós estamos fazendo uma obra que se olhar com a mente natural é obra de LOUCO... mas Deus mandou a gente tá fazendo... e você que está em qualquer lugar do Brasil inscreva-se ligando pra... a maioria um grande número de cidades já tem um número local que é o 40620777 (...) (32m33s/33m59s).²

A voz posta em destaque no trecho é a voz divina da promessa de colocar quem obedece aos mandamentos divinos por “cabeça” e não por “cauda”: “O SENHOR te porá por cabeça e não por cauda... e só estarás em cima e não debaixo... quando obedeceres aos mandamentos do SENHOR teu Deus que hoje te ordeno para os guardar e fazer”. Num estilo linear de transmissão, na qual a voz bíblica fica com fronteiras delimitadas no todo do discurso, o locutor engendra seu pedido de patrocínio reelaborando essa palavra, fundindo sua solicitação de patrocínio aos mandamentos do

² O trecho começa a ser transcrito aos trinta e dois minutos e trinta e três segundos, sendo finalizado aos trinta e três minutos e cinquenta e nove segundos. A transcrição seguiu as regras do Projeto NURC/SP, conforme consta em Preti (1999).

Senhor, engendrando-se, desse modo, um discurso bivocal de orientação única. Os “mandamentos do SENHOR” são interpretados e apresentados ao interlocutor segundo os projetos do locutor, ou seja, Deus “manda” seu fiel ser patrocinador.

É possível notar que outra bivocalidade de orientação única se segue após a citação bíblica, sendo posta como uma oração condicional que na superfície discursiva tem um sentido (não seja patrocinador, se não for chamado), porém nas entrelinhas e atrelada a vozes de autoridade emergidas no discurso do locutor, aparece outro sentido, isto é, um efeito de sentido contrário para o interlocutor. Ao interpretar a palavra bíblica como Deus chamando ao patrocínio, o locutor incita o interlocutor a ser chamado de Deus, escolhido para estar em cima, por cabeça. Tais signos ideológicos, é importante frisar, nesse contexto, produzem sentidos de prosperidade, e este seria um dos principais motes que levam os sujeitos a procurarem as igrejas neopentecostais. Sua publicidade, inclusive, gira em torno desses sentidos. Então, se Deus não chama o interlocutor é porque não o escolheu, não o quer abençoar, não lhe acha digno da benesse de contribuir e obter, efeito justamente contrário daquele que o fiel pretende na igreja.

Além disso, esses sentidos se aliam a vozes sociais que circulam na esfera evangélica de que se não é Deus quem chama é o diabo influenciando a não ouvir o chamamento ao patrocínio. Isso decorre de uma frequente dualidade (im)posta pelo discurso neopentecostal: tudo o que não é Deus falando, por meio é claro de seus porta-vozes pastores, é o diabo falando ou influenciando. Assim, com essa condicional o locutor instaura estrategicamente um tom de desafio, de provocação, de questionamento da fé do fiel, deixando entrever também um embate entre vozes contrárias: de um lado a voz de honra de ser chamado por Deus e, de outro, a voz da desonra de ser esquecido por Deus.

Correlata a essa ideia de provocação do fiel a querer e ter a honra de ser chamado por Deus está a ideia de associar o pagamento do patrocínio ao dinheiro que Deus enviaria à igreja. No enunciado do locutor fundem-se duas imagens que se apresentam como uma sedução ao fiel: “nós não precisamos de um centavo que Deus não esteja nos dando”. Nesse enunciado em tom provocativo e desafiador, a imagem de Deus e do fiel estão diretamente relacionadas: Deus dá o dinheiro através do fiel, portanto seria esse patrocinador usado por Deus. Ademais, da forma como é colocado pelo locutor, é como se o fiel fosse o próprio Deus ajudando a igreja, conferindo-lhe poder e competência divina.

Estrategicamente, o locutor antecipa uma possível resposta do interlocutor a respeito dessa honra de ser quase Deus contribuindo com a obra da igreja e projeta em seu dizer um discurso bivocal de orientação vária, simulando a possível voz de um sujeito que estaria entendendo a solicitação do patrocínio como “caridade”. Como obras de caridade não são objetivos dos neopentecostais, tudo que remeta à filantropia e ajuda espontânea sem prometer nada em troca é refutado de forma polêmica. Uma sutileza de sentidos conflitantes reflete dos dois enunciados em fusão dialógica: “procure uma instituição de caridade” e “você não foi chamado”. Os dois enunciados deixam entrever o tom de desdém em relação a obras de caridade, que segundo a posição axiológica do locutor, fazer caridade não é ser chamado por Deus.

No contexto neopentecostal, fazer caridade e doar a uma instituição que ajuda os menos favorecidos não fazem suscitar ideias de bênçãos, não geram recompensas monetárias ao interlocutor, portanto são contribuições menos poderosas do que a contribuição do patrocínio. Esse embate traz à tona um diálogo tenso com vozes sociais que propagam a filantropia, a ajuda ao próximo sem esperar nada em troca, vozes que partem de uma visão mais humanitária das relações sociais não sendo necessariamente ligadas a

uma religião, muito embora os neopentecostais combatam ferrenhamente a doutrina Espírita, por exemplo, que frequentemente propaga a caridade em diferentes contextos sociais.

Em consonância a esse conflito instaurado com vozes que propagam a caridade que não estariam sob influência divina, o locutor começa a mostrar de que forma acontece o chamamento de Deus, tido como “verdadeiro”. A partir da análise do enunciado, expresso por uma ideia de oposição, marcada pela conjunção “mas”, observamos que se trava uma separação, afastando o que o locutor considera a voz de Deus e o que considera o não chamamento, implicitamente atribuído às influências malignas. Mobilizando, mais uma vez, um discurso bivocal de orientação única com um diálogo simulado em estilo linear, o locutor introduz em seu dizer o que seria a voz de Deus, mas que na verdade é seu discurso estrategicamente fundido ao divino, refratando sentidos de poder e autoridade. No discurso simulado, a voz de Deus se dirige claramente ao interlocutor usando verbos no imperativo, o que reforça a ordem encenada: “ajude esse ministério... estamos alcançando milhões de pessoas no mundo” e “não FECHÉ os ouvidos”.

É importante atentar para a presença do signo ideológico “ministério”, reconhecido no meio evangélico, engendrado ao pedido de ajuda do povo. Esse signo reflete sentidos de missão, de evangelização e refrata sentidos de propagação da doutrina e o *Show da fé* estaria nessa incumbência. Com esse pedido divino, o interlocutor projetado no discurso tem uma imagem bastante definida: é um sujeito que, além de querer as bênçãos prometidas, é alguém preocupado com a catequização evangélica, é alguém engajado na difusão da doutrina. Pagar o carnê de associados, portanto, tem duas consequências positivas: ser abençoado e contribuir para a evangelização mundial.

Desse modo, tendo em vista tais consequências, o interlocutor é levado num tom de recado e de advertência a não fechar os ouvidos a essa suposta

voz divina, a não ignorar o pedido. O apelo-advertência é dirigido assim a uma gama de interlocutores que só assistem o programa, mas nunca se engajam de fato na contribuição, estes estariam fechando os ouvidos ao suposto pedido de Deus bivocalizado no discurso de Soares-locutor. Na verdade, o locutor a todo o momento modela a voz divina a suas finalidades na cadeia da concorrência midiática-religiosa e essa reflexão se coaduna às explicações de Bakhtin ([1929] 2010) a respeito da junção de vozes nos diferentes processos bivocais.

Conforme o pensador russo, “o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para suas próprias intenções” e o discurso assim “se converte em palco de luta entre duas vozes” (BAKHTIN, [1929] 2010, p. 221). Essa ocorrência de discurso bivocal de orientação única, simulando a voz divina, é colocada em cena para chamar ao patrocínio. Esse direcionamento da voz divina às suas intenções serviu aos projetos empresariais de consumo do locutor que dirige uma instituição religiosa que possui despesas a serem sanadas. Na tentativa de abafar a polêmica de pedir dinheiro em plena rede nacional, é possível notar, no discurso do locutor, o uso de subterfúgios que conferem divindade a seu pedido, tentando retirar o tom mercenário que essa ação possa refratar no público. Com efeito, o tom divino torna-se imperativo ao interlocutor que aderiu o contrato da obediência a Deus e aos porta-vozes de sua palavra.

E a imperatividade incitada tipicamente publicitária segue no discurso do locutor que deixa ainda mais contornável seu projeto, qual seja, arrebatar patrocínios de diferentes quantias e o máximo possível de sujeitos associados. Para tal propósito enfatiza em seu dizer o chamamento que ele faz para que os fiéis patrocinem seus familiares e o modo como Deus fala ao coração do fiel, que segundo o locutor Deus falaria até a quantia que o crente deve contribuir. Podemos perceber que a todo o momento o discurso do locutor se apropria da voz divina, do seu querer, de suas ações, ou seja, o

Missionário-locutor é conhecedor daquilo que Deus fala e de como ele age com o interlocutor.

Na outra ponta da interação, o interlocutor está envolvido e compelido a ouvir essa voz e é facilmente sugestionado pelo locutor de quantias possíveis para sua contribuição. À menor vontade de contribuir que ele sente mergulhado nesse contexto, é imediatamente levado a pensar que é Deus quem o está chamando. O locutor instaura, assim, a necessidade de contribuir, de ouvir a voz divina, de obedecê-la. Nessa perspectiva, o cenário de incitação ao patrocínio é composto de inúmeros elementos dialogicamente correlacionados que favorecem e de certa forma intimidam principalmente o público que está presente no culto.

E para finalizar, o apelo ao patrocínio e a ênfase nas consequências positivas envolvidas nessa negociação, o locutor coloca em cena, como em vários outros pedidos de patrocínio já assistidos em diferentes programas, que a igreja está passando por “apertos” e que precisa da ajuda do fiel. O aperto destacado pelo locutor se refere a uma suposta obra que estão realizando, que o locutor não especifica o que seja, mas que pode ser desde a abertura de novos templos até a compra de novos horários na televisão. Fazendo ecoar um tom de suspense, o locutor só revela que é uma obra de “louco”, dialogando tensamente até mesmo com vozes que muitas vezes colocam os evangélicos e seus líderes como loucos, alienados e exploradores. Em polêmica, no entanto, o signo ideológico “louco” na voz do locutor quer dizer mais do que isso, ou seja, obra de louco, nesse contexto, reflete ideias de absurdo, de insensatez e refrata a grandiosidade, a maravilha, a imponência da obra. E mais uma vez, a fim de endossar o tom sobrenatural da obra, a voz de Deus aparece fundida ao discurso do Missionário-locutor e este está apenas a serviço de Deus que o manda fazer a obra espetacular.

Observamos que o querer divino e sua voz foram a principal estratégia publicitária envolvida nesse oferecimento de carnê. Primeiramente, Deus foi

apresentado como quem convoca ao patrocínio, logo após ele foi colocado como quem verdadeiramente dá o dinheiro através do fiel e, por fim, ele é projetado como quem manda fazer as obras grandiosas. Atribuir a Deus essas ações retira da igreja o estigma de exploradora e cria uma atmosfera divina em torno de uma ação mercadológica. A promessa de oração e de bênçãos deixaram entrever a imagem de um interlocutor ávido por relações de fé e consumo, sujeito já emergido dialogicamente nos discursos anteriores da Pregação e do Testemunho.

Além disso, pudemos notar que o produto em foco, nesse trecho, é tão multifacetado quanto a imagem de Deus na cena publicitária do carnê. O produto oferecido é tanto a oração milagrosa mensal do locutor, quanto a benesse de “estar por cima”, adquiridos pelo depósito do carnê do associado. Desse modo, patrocinar ganha reflexos e refrações de sentidos divinizados, sacralizados, ou seja, ao interlocutor é proposto uma espécie de “apoderamento” de sua bênção, bastando-lhe dar ouvidos ao chamamento divino que é na verdade o chamamento do locutor o qual usa deliberadamente a voz de Deus para pedir.

Considerações

A ancoragem nos estudos do Círculo, no que tange à reflexão sobre a complexidade do conceito de bivocalidade nos possibilitou visualizar a opacidade do discurso de pedido de patrocínio no culto que se pretende transparente, pois simula emissões (solicitações) divinas via profeta. Compreendemos, assim, que tais discursos aparentemente simulados, são revestidos de veracidade, autoridade e pretendem um efeito de “voz de Deus”, “palavra de Deus” na Terra. Com a abordagem dialógica e a análise dos discursos bivocais, colocamos essa voz supostamente monovocal em processo de reflexão e refração, isto é, colocamos em cotejo com outras

vozes, observamos suas ressonâncias e percebemos o quanto os valores sociais e ideológicos estão em jogo nesses discursos.

De acordo com Amorim (2002), a teoria bakhtiniana, chamada, pertinentemente, pela autora de “teoria das vozes”, constitui-se de “um sistema de categorias de análise com o qual se torna possível uma leitura crítica dos textos em Ciências Humanas”. A leitura crítica e analítica “visa a identificar quais são as vozes que se deixam ouvir no texto, em que lugares é possível ouvi-las e quais são as vozes ausentes”, não se tratando, é claro, “de um trabalho de análise linguística ou literária, mas de uma tentativa de identificar os limites, os impasses e a riqueza do pensamento e do saber que são postos em cena no texto” (AMORIM, 2002, p. 8).

Diante de tais conjecturas, ressaltamos que o debate analítico e crítico, conforme postula Amorim (2002), em torno dos discursos bivocais, sobretudo, em discursos bivocais religiosos televisivos é inconcluso. É inconcluso tanto no sentido de suas implicações sociais, pois é um enunciado vivo e real na cadeia da comunicação dialógica, quanto no sentido de suas implicações linguístico-discursivas, pois é um enunciado sempre em modificação, em processo de ressignificação, sendo, portanto, sempre um objeto de estudos em potencial para novas pesquisas.

O próprio Bakhtin ([1963] 2010b) afirma que não se esgotam todas as possibilidades de ocorrência do discurso bivocal “e todos os possíveis modos de orientação centrada no discurso do outro, a qual complexifica a habitual orientação objetiva do discurso”. É possível, portanto, “uma classificação mais profunda e sutil com grande número de variedades e possivelmente de tons”, em que discutimos as especificidades engendradas em cada orientação, em direção à palavra do outro, posta (ou subtraída) em cena (BAKHTIN, [1963] 2010b, p. 227).

Por isso, o aprofundamento das reflexões em torno dos processos bivocais de apreensão, transmissão e orientação (semântica-axiológica) em

relação ao discurso alheio nos permite um olhar dialógico e crítico acerca das tensas relações entre fé, Mercado, publicidade e consumo no culto televisivo *Show da fé*, mostrando-nos o quanto, na contemporaneidade, esses aspectos estão imbricados nos discursos e nos sujeitos imersos nessas interações.

O carnê de patrocínio, por exemplo, é um dos produtos mais enfatizados nos cultos televisivos da IIGD, fazendo surgir questões sociais de concorrência midiática, no sentido de que o apelo por ajuda em rede nacional só revela os modos de sobrevivência na “selva” de horários nobres na televisão brasileira. A instituição religiosa, na luta para se manter nesse horário de destaque na TV, e para arrecadar maior audiência e abrir novos templos, introduz o pedido de patrocínio tanto na voz legitimada de Soares-locutor, que segundo ele “se expõe” na TV, quanto nas vozes engajadas das testemunhas que demonstram o poder dessa contribuição, acirrando a disputa não só de adesão, mas também de ajuda monetária.

Através das análises, pudemos constatar que as duas formas de transmissão postuladas por Bakhtin/Volochinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* são internamente dialógicas. Toda a transmissão de discurso alheio, delimitando-se mais ou menos as fronteiras, apresenta um diálogo entre discurso citante e citado que é perpassado por diferentes vozes sociais e propósitos interacionais. No caso do culto posto em destaque, o estilo linear, por exemplo, teve nuances de sentidos e orientações semânticas diversas. Pôs-se em evidência a palavra alheia (divina) tanto para evocar sentidos de poder, engajamento e autoridade, produzindo bivocalidades de orientações únicas, quanto pôs-se a palavra alheia como potencial de polêmica mais ou menos aberta com vozes concorrentes, produzindo bivocalidades de orientações vária e bivocalidades de tipo ativo.

A orientação semântica-axiológica que se dá a essa palavra determina muitas vezes o estilo e os signos (verbais e não verbais) engendrados

para reelaborá-la no discurso que transmite. Ademais, qualquer tipo de transmissão leva em conta o interlocutor e este influencia diretamente as orientações das enunciações citadas, tanto em estilo linear, em que a palavra alheia é nítida em suas fronteiras, quanto em estilo pictórico, em que os contornos axiológicos do locutor atenuam o aparecimento do discurso transmitido (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 152).

Conforme Morson e Emerson (2008, p. 179), os estilos linear e pictórico acontecem em enunciados concretos em que “dois falantes podem ser ouvidos”, devendo “ter necessariamente a sua própria audiência” e a audiência de “uma terceira pessoa a quem o enunciado é dirigido e que, portanto, o molda ativamente à medida que vai sendo feito”. Na verdade, os processos bivocais analisados se constituíram de várias tensões, nas quais diferentes valores estiveram em jogo, dependendo dos interlocutores envolvidos. Finalmente, destacamos que o conceito de Bivocalidade aplicado em análise de discursos de diferentes esferas provoca-nos variadas reflexões. No caso do discurso analisado, pudemos discutir sobre o tensionamento das vozes de poder, de autoridade, de promessa, de ameaça (discurso do medo) que interpelaram os interlocutores (espectadores e fiéis presentes no culto) que, imersos nesses valores, negociam, aderem, creem, patrocinam no inconcluso jogo publicitário-religioso.

Referências

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 7-19, 2002.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). [1929]. *Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. [1979]. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. [1975]. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et. al. 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, Hucitec, 2010a.

_____. [1963]. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 2010b.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações (Projetos Paralelos, v. 2). São Paulo: FFLCH/USP, 1999.

RIBEIRO, K. da R. *Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo show da fé: tensão entre fé, Mercado e publicidade*. 2015, 261 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Recebido em 30/11/2017.

Aceito em 02/03/2018.